



LITERATURA COMO FONTE DE HUMANIZAÇÃO, PRAZER E CONHECIMENTO

Lídia Silva Rodrigues¹

¹PPGEEB/CEPAE/UFG/ lidia09rodrigues@hotmail.com

Resumo:

O presente trabalho apresenta algumas contribuições de autores como Antônio Cândido, Tzvetan Todorov, Regina Zilberman e Irandé Antunes sobre a literatura e sua função de humanização, prazer e conhecimento. Utilizou-se a pesquisa bibliográfica, com objetivo de contribuir para melhor interpretação das ideias dos autores e propor um debate sobre como a literatura interfere na formação dos indivíduos. Foi realizada análise de conceitos filosóficos sobre humanização estabelecendo relação profícua com a literatura, pois ambas desenvolvem no sujeito comportamentos construídos cotidianamente para o bem pessoal, como para o do próximo. Evidencia a importância da escola enquanto ambiente formador e a mediação feita pelo professor, destacando não só as possibilidades que a literatura promove na sociedade, como os perigos que ela e, conseqüentemente, a humanização sofrem nos dias atuais. É relevante a discussão proposta neste trabalho com vistas à reflexão acerca do poder que a literatura oferece a sujeitos de direito que devem ter acesso a bens incontáveis, sendo capazes de transformar a si próprios e o ambiente que os rodeia. O presente trabalho não encerra a discussão, sugerindo que o tema deve ser ainda pesquisado melhorando as alternativas para que a escola cumpra seu objetivo maior que é a humanização dos indivíduos.

Palavras-chave: Literatura. Humanização. Conhecimento.

Introdução

O presente trabalho foi elaborado para o seminário da disciplina de Fundamentos Teórico-metodológicos do Ensino de Literatura do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás – PPGEEB/CEPAE/UFG e teve como referência os textos *Direito à literatura*, de Antônio Cândido; *Literatura em Perigo*, de Tzvetan Todorov, *Leitura e crise na escola*, de Regina Zilberman e *Língua, texto e ensino: outa escola possível* de Irandé Antunes. Os referidos textos tratam das contribuições desses autores para a discussão sobre as funções da literatura tanto individual como coletivamente, fora e dentro da escola.

A fim de situar o espectador e posteriormente o leitor, optou-se por fazer um prelúdio apresentando a definição do que é ser humanizado, com uma síntese de pensamento de alguns filósofos e estudiosos da educação e em seguida analisar o pensamento de cada um dos autores que referenciam o estudo. Como metodologia optou-se pelo estudo bibliográfico

voltado para a análise hermenêutica, buscando contribuir para a interpretação dos textos e propondo um debate sobre como a literatura age nos indivíduos que a ela recorrem.

Dos estudos realizados, conclui-se que o uso da literatura como fator de humanização é um desafio para muitos, mas que é elemento imprescindível para a continuidade da humanização do ser humano.

Segundo o dicionário Scottini da Língua Portuguesa a palavra humanizar é referida como humanar; inspirar humanidade a; adoçar; suavizar; civilizar; tornar-se humano; compadecer-se. Esse conceito é como definimos a humanização atualmente, entretanto, o conceito de humanizar começou a ser pensado ainda na Antiguidade.

De acordo com Sloterdijk¹ (1947) ser uma pessoa humanizada era ser uma pessoa que tinha aprendido a ler. Essa ação começou com os filósofos da Antiguidade por meio de cartas que enviavam aos seus amigos com demonstrações de afeto e amor. A capacidade de fazer amigos por meio do texto foi o que contribuiu para a filosofia escrita conseguir manter-se contagiosa desde seus inícios até a atualidade. Para o autor,

No início, os humanizados não são mais que a seita dos alfabetizados, e, como em muitas outras seitas, também nesta desapontam projetos expansionistas e universalistas. Onde o alfabetismo tornou-se fantástico e imodesto [...] Onde porém o humanismo tornou-se pragmático e programático (SLOTERDIJK, 1947, p. 11).

Possuir a capacidade de ler, então, seria fato determinante para se tornar humanizado, e como ressalta o autor, o humanismo e a alfabetização passa a ser difundidos de forma programada e com objetivos práticos declarados.

Já para Marx (1989) o homem começa a humanizar-se por meio do trabalho que é realizado por ele. Para esse filósofo o trabalho é a principal característica do homem que o difere dos demais animais. Para ele,

Pode-se distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião e por tudo que se queira. Mas eles próprios começam a se distinguir dos animais logo que começam a produzir seus meios de existência (MARX e ENGELS, 1989, p. 13).

¹ Peter Sloterdijk, (1947) filósofo e ensaísta alemão, membro da Academia das Artes de Berlim e da Academia Europeia das Ciências e das Artes.

O homem produz seus próprios meios de vida, primeiramente extraindo da natureza o alimento e buscando sua segurança. O trabalho portanto, está intrinsecamente ligado às relações sociais do homem desde a Antiguidade. Entretanto, para desenvolver atividades direcionadas à alimentação e moradia, os programas educativos formais como a escola não eram necessários e os indivíduos eram integrados à sociedade pela função que exerciam nela.

Quando confrontamos as ideias desses dois filósofos podemos considerar a de Sloterdijk mais acertada considerando a humanização como a capacidade de interagir com o outro, sendo por meio das relações interpessoais e intrapessoais ou pela escrita, e não só pelas relações oriundas do trabalho, como defende Marx. Entretanto vale ressaltar que a partir do momento em que o ser humano passa a trabalhar, e, esse termo, refere-se aqui, em ser ativo, desenvolver uma atividade, podemos relacionar as funções da literatura com a humanização, uma vez que a literatura garante uma atividade pessoal gerando prazer e conhecimento.

Literatura como fonte de humanização, prazer e conhecimento

Para tratar da literatura como direito humano, devemos considerar uma hipótese: reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo. Esse conceito é destacado por Cândido² (1995) como humanização. Para ele, a humanização acontece quando o ser passa a ter consciência de que aquilo que é indispensável para sua própria vida também será indispensável para a vida do próximo.

O indispensável tratado por Cândido vai além dos bens fundamentais como moradia, alimentação, instrução, saúde. O direito a ler clássicos, ouvir boas músicas também deve ser considerado como indispensável para o ser humano, pois mantém o equilíbrio necessário para a vida. A literatura é, portanto, um bem incompreensível, que garante a integridade espiritual.

Vista sobre esse ponto de vista, a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possam viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. É essa fantasia que nós, seres humanos, buscamos para compreendermos a nós mesmos.

² Antônio Cândido de Mello e Souza, (1918) é sociólogo, crítico literário, ensaísta e professor universitário brasileiro.

Para Cândido a literatura tem papel formador da personalidade, tanto individual como social.

Cada sociedade cria as suas manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com os seus impulsos, as suas crenças, os seus sentimentos as suas normas, a fim de fortalecer em cada um a presença e atuação deles (CÂNDIDO, 1995, p. 175).

A literatura garante o equilíbrio social. É um todo organizado e é ela quem liberta do caos porque ela organiza a vida dos seres humanos e também da sociedade que a utiliza como um poderoso instrumento de instrução e educação e, por isso, entra nos currículos escolares como equipamento intelectual e afetivo.

Antunes (2009) confirma a ideia de organização e equilíbrio social por meio da literatura. Para ele,

A leitura nos dá o poder de emersão, nos confere o poder de enxergar e perceber o que nos circunda, a fim de, como cidadãos, assumirmos nossos diferentes papéis na construção de uma sociedade que respeite a lógica do bem coletivo e dos valores humanos (ANTUNES, 2009, p. 193)

A literatura enquanto meio para a organização social, garante a formação de cidadãos conscientes e humanizados, gerando uma sociedade igualitária que valoriza o homem como sujeito de direitos e não apenas como meros espectadores dos acontecimentos sociais.

Antônio Cândido expõe que há aspectos paradoxais do papel da literatura, enquanto instrumento de instrução e educação, por isso educadores, ao mesmo tempo, preconizam e temem o efeito dos textos literários. Segundo ele,

A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apóia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita; a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estados de coisas predominantes (CÂNDIDO, 1995, p. 175).

Os efeitos causados pela literatura que permitem o pensamento e o diálogo entre as várias concepções, opiniões e valores devem ser enfatizados na escola, pois, quando a

literatura vem para desestabilizar o ser ela promove o efeito cartase, que na filosofia é o poder de purificação, sendo esta, um avanço nas relações humanas.

Para Cândido a literatura tem três faces que, neste estudo, merecem ser destacadas. Na primeira, a literatura é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado. Logo, podemos entender que a literatura só terá significado quando está numa estrutura, pois ela nos torna organizados. Na segunda face, a literatura é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos. Podemos dizer, então, que o escritor é um porta-voz do tempo e do espaço e da visão de mundo dele e o leitor é quem decifra essa visão. E por último, traz como terceira face da literatura uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente, ou seja, o ser humano aprende sem se dar conta de que está aprendendo.

As produções literárias, de todos os tipos e todos os níveis, para Cândido (1995, p. 180) satisfazem as necessidades básicas do ser humano, sobretudo através da incorporação, da humanização, pela coerência mental, que enriquece a percepção e a visão do mundo.

Para ele, humanização é

O processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor (CÂNDIDO, 1995, p.180).

Essa definição de humanização descrita pelo autor nos alerta para percebermos que esse processo acontece diariamente. É contínuo e duradouro e deve ser desenvolvido nos grupos familiares, sociais e escolares. Este último é um ambiente formador propício para desenvolver o direito humano. Ainda para Cândido (1995, p. 180) “a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante”.

A sociedade para ser justa pressupõe que haja o respeito pelos direitos humanos, isso inclui que todos possam ter acesso aos diferentes níveis de cultura. Não deve haver portanto, uma separação injusta do ponto de vista cultural. A fruição ou oportunidade de acesso à arte e à literatura deve acontecer em todas as modalidades e em todos os níveis sociais mediante a uma organização que garanta a distribuição equitativa de bens.

Quanto ao prazer que a literatura proporciona, podemos destacar que a mesma vai ao encontro das necessidades emocionais, afetivas e intelectuais do ser humano, fortalecendo sua autonomia e a construção de sua própria história.

Vygotsky afirma que se pode fazer uma comparação entre a leitura e o brinquedo, pois ambas as ações são prazerosas para o ser humano. “[...] a imaginação, nos adolescente e nas crianças em idade pré-escolar, é o brinquedo sem ação. [...] o brincar da criança é imaginação em ação” (VYGOTSKY, 1991, p. 106). Quando, portanto, empregamos o brinquedo assim como a leitura, podemos destacar semelhanças. A leitura, como o brinquedo é um alimento para a imaginação, porque igualmente dá prazer preenchendo algumas necessidades da criança e oportunizando momentos de satisfação e realização de desejos, mesmo os irrealizáveis.

O prazer que a literatura proporciona é individual, mas não intransferível. Aqui cabe a ação do professor ou de leitores que podem entusiasmar o próximo para igualmente sentir o mesmo prazer ou despertar a curiosidade e interesse para o bem estar que a leitura proporciona.

O desenvolvimento da leitura entre crianças resultará em um enriquecimento progressivo no campo dos valores morais, da cultura, da linguagem e no campo racional. O hábito da leitura ajudará na formação de opinião e de um espírito crítico, principalmente a leitura de livros que formam o espírito crítico, enquanto a repetição de estereótipo empobrece (GOÉS, 2010, p. 47)

Antunes (2009) corrobora com essa ideia quando afirma que

Ler textos literários possibilita-nos o contato com a arte da palavra, com o prazer estético da criação artística, com a beleza gratuita da ficção, da fantasia e do sonho [...] leitura que deve acontecer simplesmente pelo prazer de fazê-lo. Pelo prazer da apreciação, e nada mais (ANTUNES, 2009, p. 200)

A humanização e o prazer devem ser oferecidos aos alunos desde o início de suas vidas acadêmicas, sendo oportunizadas e ampliadas as ações prazerosas para que as crianças ou, qualquer indivíduo que tenha contato com a literatura, se apropriem dos benefícios trazidos por ela.

A literatura proporciona, além da humanização e do prazer, outras funções não menos importantes, que são destacadas por Irandé Antunes³ (2009). A autora afirma que poder ter acesso à leitura significa “exercer o direito de acesso à palavra escrita” (ANTUNES, 2009, p. 192). A escrita é uma das maiores construções da humanidade, mas só está completa quando é lida por alguém.

É por meio da leitura e, igualmente da literatura, que encontramos novas informações, ampliando nosso repertório de informações. Para Antunes,

Pela leitura, temos acesso a novas ideias, novas concepções, novos dados, novas perspectivas, novas e diferentes informações acerca do mundo, das pessoas, da história dos homens, da intervenção dos grupos sobre o mundo, sobre o planeta, sobre o universo. Pela leitura promovemos nossa entrada nesse grande e ininterrupto diálogo empreendido pelo homem, agora e desde que o mundo é mundo (ANTUNES, 2009, p. 193).

A autora dialoga com Cândido, pois, a leitura é indispensável para o ser humano. Todos têm direito à informação, que possibilita ampliarmos nosso repertório de ideias e nossa capacidade de refletir sobre as relações entre o texto lido e nossa própria vida.

Uma função defendida pela autora é que a literatura promove a inclusão social, sendo uma condição do exercício pleno da cidadania. Sem a leitura, não é possível ter contato com as transformações ocorridas próximas ao leitor, bem como, com as que ocorre pelo mundo.

[...] ler é uma forma de saber o que se passa, o que se pensa, o que se diz; é uma forma de ficar inteirado acerca do que vai pelo mundo, acerca do que vai povoando a cabeça e o coração dos pensadores, dos formadores de opinião, dos cientistas, dos poetas; é uma forma de saber acerca das descobertas que foram feitas ou das hipóteses que estão sendo testadas, ou dos planos e projetos em andamento (ANTUNES, 2009, p. 195)

A literatura tem a função de trazer conhecimento, de fazer com que o leitor repense a própria existência colaborando para melhoria da sociedade, pois é uma experiência de compartilhamento de ideias e opiniões, onde, se legitima a afirmação pessoal.

O conhecimento ocasionado pela literatura pode ser relacionando com a capacidade de humanização, quando entendemos que as pessoas que não tem acesso a leitura acabam

³ Irandé Antunes (1937). Linguista brasileira. Doutora em Linguística pela Universidade de Lisboa (1993). Atualmente, é professora e pesquisadora da Universidade Estadual do Ceará.

sendo excluídos socialmente. Segundo Antunes (2009, p. 199), “os não leitores ficam excluídos da possibilidade de participar dos grupos que se organizam em torno da comunicação escrita”. A exclusão social, de todos os tipos, deve ser combatida para que as sociedades possam ser organizadas e humanas.

A humanização em perigo

Considerando a literatura como fator essencial da humanização, não podíamos deixar de destacar os riscos que essa última passa quando percebemos que a literatura também corre perigos diários na escola. Para tratarmos desse tópico abordaremos os conceitos trazidos por Todorov⁴ (2009) e por Zilberman⁵ (1985) quando os dois autores dialogam sobre esses perigos que a literatura vem sofrendo e, conseqüentemente, a humanização dos sujeitos.

Mas que perigo a literatura pode correr dentro da escola, já que ela é considerada como um ambiente formador de leitores críticos?

Todorov (2009) esclarece que o principal deles é a forma como a literatura é oferecida aos jovens, que a consideram apenas como disciplina escolar. As obras literárias deveriam ser lidas e discutidas antes de serem classificadas e peridodizadas.

Ler poemas e romances não conduz à reflexão sobre a condição humana, sobre o indivíduo e a sociedade, o amor e o ódio, a alegria e o desespero, mas sobre as noções críticas, tradicionais ou modernas. Na escola, não aprendemos acerca do que falam as obras, mas sim do que fala os críticos (TODOROV, 2009, p. 27).

O autor enfatiza que há uma escolha dentro da escola. Os estudos literários têm como objetivo primeiro o de nos fazer conhecer os instrumentos dos quais se servem. O formalismo e estruturalismo acabam por afastar a obra literária do seu papel de humanização, pois a prática dando ênfase à disciplina não desperta a reflexão humana, pelo contrário, aliena e

⁴ Tzvetan Todorov (1939) é um crítico literário e linguista francês de origem búlgara, filósofo, historiador. Professor e diretor do Centro de Pesquisa sobre Artes da Linguagem e do Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS) em Paris. Também ensinou em Yale, Harvard e Berkeley.

⁵ Regina Zilberman (1948). Licenciada em Letras pela UFRGS, doutora em Romanística pela Universidade de Heidelberg, na Alemanha, e pós-doutora em Rhode Island, nos EUA. Professora da PUC/RS. É considerada atualmente uma das maiores especialistas em literatura infanto-juvenil.

afasta o aluno da leitura, uma vez que é desconsiderado pela análise formalista todo o contexto em que o texto foi escrito.

O objeto da literatura é o texto. Todorov levanta questionamentos sobre como está sendo feita a mediação da literatura dentro das escolas, já que o texto em si quase não é analisado. Defende a maior imanência possível da obra, ou seja, a verdade intrínseca do texto, contrariando as tendências escolares de analisar as críticas feitas sobre o texto, as formas e características do mesmo. Para ele,

[...] concentrar o ensino de Letras nos textos iria de encontro dos anseios secretos dos próprios professores, que escolheram sua profissão por amor à literatura, porque os sentidos e a beleza das obras os fascinam; e não há nenhuma razão para que reprimam essa pulsão (TODOROV, 2009, p. 31).

A literatura abre as possibilidades de interação fazendo o mundo real ser mais pleno de sentido e mais bonito. A abordagem interna do estudo das relações dos elementos da obra entre si deve, portanto, completar a abordagem externa do estudo do contexto histórico, ideológico e estético.

A humanização ocorre quando o sujeito passa a perceber a si mesmo como ser humano. Não é imposta uma tese ao leitor, mas, quando acontece a leitura o autor incita o leitor a formular a própria tese, “em vez de impor, ele propõe, deixando, portanto, seu leitor livre ao mesmo tempo em que o incita a se tornar mais ativo” (TODOROV, 2009, p. 78).

Zilberman (1985) corrobora as ideias de Todorov. Para ela, a escola é o que habilita o indivíduo para a leitura e, se há crise na leitura, também haverá crise na escola. Para a autora, a escola é o intermédio entre criança e cultura por meio da leitura.

Historicamente a expansão das oportunidades de acesso ao saber se deu com a revolução cultural no século XVIII, com a ampliação do sistema escolar e, conseqüentemente, com o aumento do público leitor. Entretanto a expansão do saber estava totalmente voltada para atender a classe burguesa e o que presenciamos atualmente é a mesma ideologia. A escola e a literatura são vistas como um sistema de hierarquia rígida formando profissionais para simplesmente suprir as necessidades do mercado de trabalho.

Para Zilberman (1985), a escolarização é uma condição para a escalada na sociedade que premia aqueles com sólida formação intelectual pela meritocracia. Não é vinculada com o caráter de humanização, mesmo que a leitura tenha um caráter emancipatório.

Mito da alfabetização é a ruptura com a situação de inferioridade. A alfabetização reflete o exercício de dominação do mundo adulto, mas é ela que conduz ao ato de ler, que pode romper com o círculo ideológico a que o sistema pedagógico se condena (ZILBERMAN, 1985, p. 48).

Podemos compreender que a leitura tem uma função especial, individual e coletiva ligada à possibilidade de modificar a própria cultura e, por conseguinte, a sociedade. Zilberman (1985, p. 49) afirma que “a conquista da habilidade de ler é o primeiro passo para a assimilação dos valores da sociedade”, ou seja, é por meio da leitura que o ser se emancipa e se humaniza, uma vez que os bens sociais passam a ser manipuláveis pelo indivíduo.

Zilberman ainda nos alerta para o cuidado e atenção que a escola e professores devem ter em relação à função da leitura, pois ao mesmo tempo que essa instituição pode transformar o indivíduo habilitado a ler, em um leitor, pode transformá-lo em um leitor funcional.

A autora dialoga com Cândido sobre a mediação que é feita dos textos literários e a importância da delimitação do sentido do objeto, ou seja, a obra literária criando um pacto entre a criança ou jovem com o texto pelo estímulo a uma vivência singular com a obra, e, entre o aluno e professor pelo desaparecimento da hierarquia educacional.

Antunes (2009, p. 205) propõe ações práticas que devem acontecer dentro das escolas para diminuir os perigos sofridos pela literatura e, também, pela humanização. Para a autora, é imprescindível que haja o estímulo a uma cultura do livro, sendo oferecido fartamente bons e diversificados textos literários, com frequência de atividades de ler ocasionando a formação do gosto estético na convivência com a literatura.

Considerações finais

Não pretendemos neste trabalho de esclarecer todos os aspectos sobre as funções da literatura, entretanto, podemos concluir diante da pesquisa realizada, que a literatura é um

bem social com grande poder de humanização, oferecendo ao sujeito além do prazer, o conhecimento e uma visão crítica e autônoma dos acontecimentos em sua volta, possibilitando crescimento individual e também desenvolvimento da sociedade.

Cândido e Antunes nos trazem uma boa reflexão sobre o que é a humanização e como a literatura interage com o ser humano e Todorov e Zilberman nos alertam para as dificuldades encontradas diariamente dentro das escolas para a efetivação dessa ação humanizadora, nos permitindo refletir sobre as práticas adotadas por nós, professores.

Essas reflexões são uma pequena parte do nosso projeto de pesquisa dentro da área de formação de leitores de literatura e contribuiu grandemente para a nossa própria formação enquanto professora tendo em vista que é fundamental pensarmos que a humanização é muito além de ser da espécie humana. Humanizar-se é exercitar-se tendo boa disposição com o próximo, sendo capaz de entender os problemas da vida com refinamento e controle das próprias emoções, adquirindo saber e usando-o para contribuir com a evolução social.

Referências

CÂNDIDO, A. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

GÓES, L.P. **Introdução à literatura para crianças e jovens**. São Paulo: Paulinas, 2010.

IRANDÉ, A. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

MARX, K; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

SCOTTINI, A. **Dicionário da língua portuguesa**. Blumenau, SC: Todolivre Editora, 2009.

SLOTERDIJK, P. **Regras para o parque humano: uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo**. São Paulo: Estação liberdade, 2000.

TODOROV, T. **Literatura em perigo**. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ZILBERMAN, R. (Org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. 5 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.